**Instituto de Estudos Brasileiros**

**Universidade de São Paulo**

**Modernidade, literatura e urbanização nas cidades de Rio de Janeiro e Havana: um olhar através da crônica**

**MARIANA AGATI MADEIRA**

**Projeto de mestrado**

**São Paulo**

**2019**

**RESUMO:** A presente pesquisa propõe a análise de crônicas que apresentem imagens das cidades de Rio de Janeiro e Havana, compreendidas entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. A partir de uma observação da linguagem e temática dos textos, do projeto estético-ideológico de seus autores e das interações culturais entre Brasil e Cuba, espera-se compreender porque a crônica foi chamada de “produto genuinamente carioca” e “tipicamente brasileiro” pela crítica brasileira, e de “caribenho por excelência” no seu contexto de circulação na América hispânica. O objetivo deste estudo comparado e interdisciplinar é situar a crônica moderna como gênero textual decisivo para a interpretação da cultura brasileira e narradora do processo de urbanização das metrópoles do país, dedicando atenção específica às suas relações culturais com o território latino-americano, especialmente cubano.

**PALAVRAS-CHAVE:** crônica; literatura brasileira; literatura latino-americana; gêneros híbridos.

**Introdução**

Nos estudos sobre a crônica no Brasil, a relação com a “identidade nacional” é frequentemente evocada. Considerado tipicamente brasileiro pela crítica[[1]](#footnote-1), o gênero parece ter sofrido um processo de “abrasileiramento” desde as suas origens na época dos folhetins, gênero publicado nos jornais ao longo do século XIX de origem francesa e que deu o pontapé inicial para a definição da crônica moderna nos anos seguintes[[2]](#footnote-2).

Não somente restrita à crítica, essa questão da nacionalidade inquietava os próprios escritores: em 1859, Machado de Assis escrevia sobre a figura do folhetinista em coluna para a publicação *O Espelho – Revista de litteratura, moda, industria e artes*, e não hesitou em criticar os autores que mais imitavam os folhetinistas de outros países do que se preocupavam em dar à publicação uma identidade verdadeiramente brasileira:

Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções, tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil. Entretanto, como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa. (ASSIS, 1859)

Como se atendesse aos desejos de Machado, aos poucos o folhetim transmuta-se em crônica[[3]](#footnote-3) e assume cada vez mais a “feição americana” prevista pelo escritor. Por outro lado, permanece intacto o vínculo com uma temporalidade específica típica dos textos jornalísticos. José de Alencar, em seu primeiro texto para a sessão “Ao correr da pena” mantida no jornal *Correio Mercantil* durante os anos de 1854 e 1855, escreveu: “Há de haver muita gente que não acreditará no meu conto fantástico; mas isto me é indiferente, convencido como estou de que *escritos ao correr da pena são para serem lidos ao correr dos olhos*” (s.d., p. 1.)

Na frase que dá nome à coluna, José de Alencar faz referência a duas “pressas” distintas: a do escritor e a do leitor. Essa velocidade duplamente evocada é tão característica da vida nos centros urbanos, quanto definidora do gênero crônica. O processo de formação das cidades e a consequente modernização do país relaciona-se todo o tempo com o gênero, não só motivando a escolha dos assuntos a serem tratados no texto, mas também em sintonia com o próprio veículo de difusão, uma vez que a circulação de jornais – seu suporte técnico por excelência – estava restrita à cidade.

Foi neste contexto jornalístico e urbano que muitos escritores se projetaram como cronistas, de Olavo Bilac nos finais do século XIX, à Clarice Lispector nas décadas de 1960 e 1970. Observa-se, por consequência, um outro traço em comum da crônica brasileira: está frequentemente vinculada ao Rio de Janeiro. Foi chamada mais de uma vez[[4]](#footnote-4) pela crítica de “produto genuinamente carioca”, considerando o volume, a qualidade e a constância identificados nos cronistas que escreviam e publicavam na cidade do Rio de Janeiro (MOISÉS, 1982).

Talvez o caso mais explícito seja o de João do Rio (1881-1921), jornalista que se projeta como *flanêur* para descobrir a então capital do país, onde coexistem as elites e as classes sociais marginalizadas. Andarilho, o cronista é ao mesmo tempo testemunha e narrador de uma cidade cheia de contradições. Perambula, observa e capta o espírito urbano em suas caminhadas, captando o ritmo do progresso, não sem trazer consigo também a pressa de viver que já se mostrava ser motivo de queixa dos moradores do Rio de Janeiro (COUTINHO, 1999, p. 128).

Alguns decênios depois, a cidade carioca também será palco de muitas crônicas de Rubem Braga (1913-1990). Davi Arrigucci Jr, no ensaio *Braga de novo e por aqui*, comenta a importância da cidade para a obra do cronista:

O cronista parece sempre tentado a franquear, a fronteira entre “a cidade dos homens e a natureza pura”. Por isso, o Rio de Janeiro, cidade que tanto ama e de que tanto fala, com seu convite à “evasão fácil para o mar e a floresta”, surge para ele como cidade eleita, onde até quem leva a vida mais dura tem seu instante de sonho: “bela, insensata e frívola”. Uma cidade feminina e passageira também – equilíbrio instável sobre a fenda profunda. (1987, p. 45)

Levando em consideração as discussões colocadas tanto em torno da *brasilidade* da crônica quanto do seu espírito *carioca*, nos questionamos porque ela assumiu feições tão nacionalistas, como se o território fosse responsável pelos moldes da sua definição. Como já foi dito, a crônica está, certamente, de mãos dadas com a modernização das cidades; contudo, a urbanização por si só é um fenômeno que se operava em escala mundial, e não exclusivamente no Brasil. Em que medida, portanto, a crônica urbana era responsável por traduzir as especificidades brasileiras, ou ao menos urbano-brasileiras? Nesse sentido, o comentário de Arrigucci Jr. sobre os cronistas do Modernismo mostra-se bastante pertinente:

Se alguma coisa em comum possuem escritores tão diferentes entre si é, no plano expressivo, a decisiva incorporação da fala coloquial brasileira, que se ajustava perfeitamente à observação dos fatos da vida cotidiana, espaço preferido da crônica, por tudo isso cada vez mais comunicativa e próxima do leitor. Na verdade, ela se tornava um campo de experimentação de uma linguagem mais desataviada, flexível e livre, adequando-se à necessidade de pesquisa da realidade brasileira que passara a se impor à consciência dos intelectuais, sobretudo a partir da revolução de 30, e atingia, por essa via simples, também a consciência do grande público dos jornais. Seguindo a tendência do momento e de outros gêneros, a crônica se convertia num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, largamente desconhecido de seus próprios habitantes, caracterizado pelo desenvolvimento histórico desigual, de modo que o processo de modernização podia ser acompanhado pelos contrastes ente bolsões de prosperidade e vastas áreas de miséria, e o próprio mundo moderno parecia nascer de mistura com traços remanescentes de velhas estruturas da sociedade tradicional. (1987, p. 62-63)

Em diálogo com a fala de Arrigucci Jr, introduzimos aqui a questão da relação da crônica com o Modernismo. Sem dúvidas, o movimento literário será responsável por operar outras transformações na linguagem das crônicas e reforçar ainda mais esta questão da identidade nacional no Brasil. Contudo, um processo análogo operava-se nos demais países da América Latina – igualmente, a crônica aparecia como gênero vinculado à urbanização, ao Modernismo e às questões relativas à nacionalidade. De maneira muito similar à fala da crítica literária brasileira em relação ao “carioquismo” da crônica, o escritor porto-riquenho Edgardo Rodríguez Juliá, em *Nueva crónica de las islãs*,irá se posicionar sobre o gênero no contexto hispano-americano:

La crónica es seguramente el género caribeño por excelencia. Desde Colón, que creyó ver palmas como el primer escenario del paraíso hasta Martí que vio en la palma la promesa del huerto republicano, la crónica ha sido el diario de navegación y el ensayo de arribo de una cultura que ha registrado sus descubrimientos y sus fundaciones como si fuesen el recomienzo del mundo. Si Alejo Carpentier construyó un museo para esa saga, Antonio Benítez Rojo le dio un mapa abierto y creciente. Si García Márquez registró el nomadeo funambulesco de las costas, Luis Rafael Sánchez dio cuenta de la prosa callejera de las islas. El Cronos caribeño, que ya había auscultado Rubén Darío, es una frase que se prolonga para demorar la fugacidad del habla. (2002)

A afirmação nos permite observar que o gênero também estava sendo absorvido e reinventado em outros países que, assim como o Brasil, estavam em pleno processo de modernização. No caso dos países da América Latina a proximidade é latente, sobretudo considerando os papeis periféricos que todos eles desempenham na lógica internacional política e econômica. Na obra *América Latina – as cidades e as ideias*, José Luis Romero(2004) associa os processos similares de urbanização:

“[...] a América Latina assistiu à decolagem de um determinado número de cidades, algumas das quais alcançaram com rapidez a categoria de metrópole; outras, em compensação, iniciaram o seu desenvolvimento, mas em circunstâncias tão favoráveis que assumiram precocemente a condição de grandes cidades em potência e demonstraram que chegariam a esse ponto em um prazo não muito longo. [...]As regiões e os países giraram, ainda mais do que antes, ao redor das grandes cidades, reais ou potenciais. E cada uma delas representou um foco sociocultural original em que a vida adquiriu traços inéditos. ” (ROMERO, 2004, p. 255)

Diante desse contexto, decidimos aproximar a crônica brasileira da crônica cubana, ou talvez mais a crônica *carioca* da crônica *habanera*. Nosso interesse por Cuba surgiu após identificarmos que o país possui uma rica literatura calcada na estética urbana, rodeando especialmente a cidade de Havana. Considerando o gênero crônica, destacam-se em um primeiro momento de pesquisa os escritores cubanos José Martí, que entre 1880 e 1892 escreveu mais de 400 crônicas sobre a América hispânica, Estados Unidos e Europa publicadas em jornais latino-americanos de grande circulação[[5]](#footnote-5); e ainda José Lezama Lima, autor do livro *Coordenadas Habaneras*, uma coletânea de crônicas sobre Havana publicada em 1958.

Embora o foco desta pesquisa seja especificamente a crônica dessas duas grandes cidades, sem adentrar-se nas literaturas específicas de cada país, é válido ressaltar que são múltiplas as abordagens possíveis levando em consideração essa tradição urbana na literatura latino-americana, uma vez que as produções culturais durante a época moderna sofreram um *boom*. Angél Rama aponta alguns exemplos:

Das *Tradições Peruanas* de Ricardo Palma até *A Grande Aldeia* do argentino Lucio V. Lopéz, dos *Recuerdos del passado* do chileno Pérez Rosales ao *México em cinco siglos*, de Vicente Riva Palacios, durante o período modernizado assistimos a uma superprodução de livros que contam como era a cidade antes da mutação. Trata-se, aparentemente, de uma simples reconstrução nostálgica do que foi e já não é, a reposição de um cenário e de costumes que se desvaneceram e que são registrados para que “não morram”... [...] (RAMA, 2015, p.88)

Diante do referido cenário latino-americano, portanto, essa pesquisa está interessada em compreender e aproximar o processo de urbanização nas cidades de Rio de Janeiro e Havana, pois entende-se que esse estudo nos ajudará a elucidar algumas questões em relação à problemática da modernidade que se impunha de maneira particular nos dois países – e que se manifestava consequentemente no gênero crônica. Trata-se de uma via de mão dupla, pois tanto a urbanização é ferramenta para entender a crônica, quanto a crônica é ferramenta para entender a urbanização.

Finalmente, ao invés de isolar os dois processos de urbanização para depois fazer comparações, colocamos também a seguinte questão: de que maneira Brasil e Cuba estavam integrados culturalmente? Pode-se dizer que as artes brasileira e cubana se conectaram e se influenciaram mutuamente, em um fluxo entre os artistas e intelectuais? Consideraremos como objeto de estudo, portanto, as crônicas elas mesmas e os documentos que indiquem o intercâmbio cultural entre os dois países: cartas, artigos e referências em obras, por exemplo. A partir daí, espera-se obter pontos específicos de aproximação e afastamento, sejam eles temáticos em relação à crônica, sejam eles referentes à urbanização das duas cidades.

De antemão, já observamos que o primeiro ponto em comum que salta aos olhos é a afinidade da crônica com o universo urbano, a sensibilidade do cronista que capta fragmentos do mundo que se moderniza; também chamamos atenção para uma certa preocupação com a identidade nacional que talvez possa ser chamada de nacionalismo[[6]](#footnote-6). A partir destas primeiras relações, a presente pesquisa está interessada em olhar mais de perto e estabelecer novos caminhos que aproximem a experiência urbana. Algumas hipóteses: a temática da imigração; as relações da cidade com o mar; o assombro diante das novas tecnologias que a cidade proporciona; o fenômeno de massificação; e a referência arquitetônica aos espaços físicos da cidade.

Essa pesquisa se propõe a analisar, portanto, em que medida as crônicas escritas sobre Rio de Janeira e Havana podem ser aproximadas ou distanciadas.

**Objetivos e justificativa**

Objetivo geral:

Selecionar crônicas modernas que tenham como cenário as cidades de Rio de Janeiro e Havana e analisa-las comparativamente no que diz respeito à linguagem, temática e projeto estético-ideológico de seus autores.

Objetivos específicos:

1. No âmbito das relações culturais entre Brasil e Cuba, investigar se houve um intercâmbio de ideias e formas entre os escritores e intelectuais brasileiros e cubanos.
2. Compreender o processo de urbanização e modernização das metrópoles na América Latina, especialmente de Rio de Janeiro e Havana;
3. Aproximar a experiência urbana, literária e jornalística brasileira dos países latino-americanos, inseridos em um contexto histórico particular e similar ao mesmo tempo;
4. Estabelecer relações entre a corrente literária modernista e o gênero crônica;
5. Estudar o processo de hibridização dos gêneros literários modernos;
6. Organizar uma coletânea de crônicas a partir de um critério temático.

Esta pesquisa justifica-se por sua contribuição ao campo dos Estudos Brasileiros, situando a crônica moderna como gênero textual decisivo para a interpretação da cultura brasileira e poderosa ferramenta de narração do processo de urbanização das metrópoles do país. Nesse âmbito, estamos especialmente interessados no que diz respeito à inserção brasileira no que se convencionou chamar de América Latina, de modo a levar em consideração a proximidade histórico-cultural da região e a particular aderência que o gênero “crônica” apresenta no território latino-americano.

A partir de uma observação da linguagem e temática das crônicas escolhidas, do projeto estético-ideológico de seus autores e das trocas e interações culturais entre Brasil e Cuba, espera-se compreender porque a crônica foi chamada de “produto genuinamente carioca” e “tipicamente brasileiro” pela crítica brasileira, bem como “caribenho por excelência” no seu contexto de circulação na América hispânica. Através desse estudo comparado, que aportará elementos interdisciplinares dos campos da Literatura, Ciências Sociais Aplicadas, História e Geografia, traremos elementos para a compreensão da urbanização e modernização do Brasil e das suas relações culturais com a região latino-americana, em especial cubana ou caribenha.

Pelo que a nossa prévia pesquisa bibliográfica demonstrou, poucas vezes a crônica foi abordada sob essa dupla perspectiva, que considera tanto sua difusão e popularização como gênero em âmbito continental, quanto sua estreita relação com a época moderna, a urbanização e as correntes artísticas e estéticas do período – especialmente o modernismo literário. Por sua vez, a escolha geográfica por Rio de Janeiro e Havana justifica-se pela riqueza de produções artístico-literárias que versem especialmente sobre as duas cidades, seja narrando cenas do cotidiano, seja descrevendo as ruas e outros espaços comuns – as crônicas captam as subjetividades urbanas e a problemática do espaço. As aproximações que podem ser feitas entre ambas as cidades são inúmeras, mas raras vezes elas foram estudadas comparativamente.

**Bases teóricas e metodológicas**

O primeiro procedimento metodológico parte da consideração de que esta pesquisa se apoia em certos termos com definições flutuantes: são eles os conceitos de *crônica*, *modernidade*, *modernismo*, *nacionalismo, metrópole, América Latina* e *Caribe*. Em um primeiro momento, portanto, faremos esforços para elucidar os diferentes significados que cada um desses termos pode assumir em diferentes contextos e áreas do conhecimento. A proposta não é prender-se a uma ou outra definição pré-estabelecidas, mas ressaltar a riqueza desta polifonia na enunciação.

Partiremos da discussão em torno do que é a crônica, já que esta é o nosso principal objeto de análise. Para tanto, importa menos a sua definição como gênero jornalístico[[7]](#footnote-7), ou mesmo a discussão em torno da sua grandeza e importância no contexto literário[[8]](#footnote-8). Sob a ótica proposta, a crônica é primordialmente um registro do tempo, especialmente do cotidiano urbano, além de uma marca do que Néstor García Canclini (2015) chama de “hibridação” da cultura nos países latino-americanos.

A ocorrência dos termos “modernidade” e “modernismo” também precisa ser esclarecida desde os princípios da pesquisa. A base teórica virá tanto de definições aportadas pelas artes e pela crítica literária consideradas clássicas, de origem europeia; quanto de estudos culturais contemporâneos sobre o período, vislumbrando especialmente as abordagens relativas à América Latina e ao Brasil.

Diante desta dicotomia “modernismo-modernidade”, um dos caminhos seguidos na pesquisa é a noção de *cotidianidade* que permeia as artes e a sociedade a partir do final do século XIX. Como exemplo, podemos citar a clássica obra de Charles Baudelaire, *O pintor da vida moderna*, em que são evocadas a pressa e a velocidade na vida das grandes cidades, e também onde o *flanêur* aparece como típica personagem do novo cenário. A personagem que “flana” nos interessa na medida em que servirá de inspiração para João do Rio e para muitos outros cronistas brasileiros e cubanos em suas andanças pela metrópole.

Também nos apoiaremos em uma bibliografia específica que contemple o processo histórico e geográfico de formação das cidades do Rio de Janeiro e Havana. Neste momento, serão elucidados os conceitos de urbanização e metrópole, bem como a definição e participação de ambos no contexto latino-americano, brasileiro e caribenho.

A pesquisa também se interessa pela tentativa de definição do sujeito urbano – ou dos sujeitos urbanos – sejam eles autores ou espectadores. Nesse âmbito, nos apoiaremos em estudos de recepção, considerando: a relação dos cronistas com o público leitor; a questão da difusão da crônica no veículo jornal; a discussão em torno do papel do cronista como intérprete da cidade metropolitana; e o fenômeno de massificação das cidades. José Luis Romero, em *América Latina: a cidade e as ideias* (2004)*,* traz várias pistas ao colocar certas questões pertinentes sobre esse cidadão urbano da América Latina inserido na metrópole que se massifica – e que possui, portanto, uma nova noção de cotidiano. Como observamos no trecho:

O trabalhador vivia em ambiente urbano, compacto, tentador. De dia, as ruas estavam cheias de gente, e vê-las, apenas, já era um espetáculo; à noite, as ruas iluminavam-se, e os estabelecimentos comerciais, os cinemas, os teatros, os cafés também acendiam seus letreiros; havia onde ir. E nos domingos eram oferecidas diversões populares que reuniam muitas pessoas e nas quais até podia deixar de lado as repressões cotidianas. Talvez o mais difícil fosse ter um teto, mas no fim das contas acabavam conseguindo-o, bom ou ruim. E a partir da moradia, rudimentar talvez, mas urbana, afinal parecia que se tinha o direito de reclamar todos os benefícios da vida urbana, aqueles de que usufruía quem já estava estabelecido e integrado. Até o consumo começava a parecer possível: um rádio, uma geladeira, e talvez, no fim das contas, um televisor. Tudo isso a grande cidade parecia oferecer ao imigrante que se aproximava dela com essa incerta esperança. (ROMERO, 2004, p.360)

Em relação ao nosso *corpus*, isto é, às crônicas que serão analisadas, os critérios de seleção são a temática e a temporalidade: crônicas sobre as cidades do Rio de Janeiro e Havana, escritas entre o fim do século XIX e os sessenta primeiros anos do século XX. João do Rio, Rubem Braga, José Martí e Lezana Lima são escritores selecionados de antemão. Especificamente, os livros *Coordenadas Habaneras* (2009), de José Lezana Lima, e *Ai de ti, Copacabana* (2014), de Rubem Braga serão seguramente analisados.

Por fim, essa pesquisa também se prontifica a analisar documentos – cartas, livros, dedicatórias, ensaios ou mesmo reportagens – que comprovem as trocas e o intercâmbio entre intelectuais e artistas do Brasil e de Cuba, observando em que medida houve uma influência cultural, bilateral ou não, entre os dois países. Para tanto, consultaremos acervos, hemerotecas e arquivos brasileiros e cubanos.

**Indicação de fontes a serem pesquisadas no acervo do IEB**

O acervo do IEB possui uma vasta coleção de crônicas brasileiras recortadas de periódicos – “A Crônica no Brasil” – que serão utilizadas como fonte de pesquisa. O arquivo nos servirá tanto para ajudar a definir o gênero – uma vez que muitas dessas crônicas assumem uma postura metalinguística e versam sobre a própria arte de escrever crônicas – quanto para encontrar crônicas sobre o Rio de Janeiro que poderão compor o nosso *corpus*. Uma busca prévia no acervo já nos permitiu identificar crônicas nos dois sentidos.

O arquivo também nos fornece pistas preciosas sobre as relações culturais entre Brasil e Cuba. Já identificamos, por exemplo, uma carta escrita por Alejo Carpentier, grande novelista e músico cubano do século XX, endereçada à Caio Prado Júnior. O mesmo Carpentier, por sua vez, foi convidado em 1954 pelo compositor brasileiro Mozart Camargo Guarnieri a participar do “Festival de Música Latinoamericana”. Os dois documentos comprovam a existência de diálogos entre intelectuais e artistas de ambos os países. A partir disto, nosso objetivo é aprofundar a pesquisa nos acervos do IEB nesse âmbito, procurando por outras fontes que permitam compreender em que outras medidas essa integração cultural foi estabelecida – como por exemplo, através de mais cartas ou de artigos de escritores brasileiros publicados em periódicos sobre a literatura hispano-americana e caribenha.

**Cronograma**

Plano de trabalho:

1. Seleção do *corpus*: pesquisa de crônicas com a temática urbana carioca e caribenha em acervos, arquivos, hemerotecas e livros. Estipula-se o número mínimo de 30 crônicas relativas à cada cidade.
2. Leitura analítica das crônicas selecionadas.
3. Levantamento e leitura da bibliografia referentes: às crônicas em si e aos autores, ao gênero literário crônica, aos estudos de literatura no contexto latino-americano, às questões de hibridização, modernidade e urbanização.
4. Cursar as disciplinas de pós-graduação do Instituto de Estudos Brasileiros.
5. Participar de eventos na área de estudos brasileiros e latino-americanos.
6. Elaboração de artigos e da dissertação final.

Cronograma:

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **ATIVIDADES** | **Agosto – dezembro de 2019** | **Janeiro – julho de 2020** | **Agosto – dezembro de 2020** | **Janeiro – agosto de 2021** |
| Definição e leitura do *corpus* | X |  |  |  |
| Pesquisa em acervos e hemerotecas  | X |  |  |  |
| Levantamento e revisão bibliográfica | X | X |  |  |
| Fichamento da bibliografia escolhida | X | X | X |  |
| Produção parcial da dissertação para qualificação | X | X |  |  |
| Cursar as disciplinas da pós-graduação | X | X |  |  |
| Produção da dissertação após a qualificação  |  |  | X |  |
| Revisão e finalização |  |  | X | X |
| Participação em eventos da área |  | X | X | X |
| Elaboração de artigos |  | X | X |  |
| Defesa em banca |  |  |  | X |

**Bibliografia**

ABDALLA JR., Benjamin; CARA, Salete de Almeida (orgs.). *Moderno de nascença: figurações críticas do Brasil.* São Paulo: Boitempo, 2006.

ABREU, Alzira Alves de. (org). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena.* São Paulo: Instituto de Divulgação Cultural, [s.d.].

ALMANDOZ, Arturo. Notas sobre historia cultural urbana. Una perspectiva latinoamericana*.* In: *Perspectivas Urbanas / Urban Perspectives*, n. 1, pp.29-39, disponível em: <[www.etsav.upc.es/urbpersp](http://www.etsav.upc.es/urbpersp)>

ÁLVAREZ TABÍO ALBO, Emma. La ciudad en el aire. In: *Cuba y el día después. Doce ensayistas nascidos con la revolución imaginan el futuro.* Barceloa: Mondadori, 2001, pp. 83-105.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *De notícias e não notícias faz-se a crônica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha: edição anotada.* Rio de Janeiro: Agir, 2008

ANTELO, Raúl. João do Rio = Salomé. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1992. p.153-164.

ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BASTOS, Gláucia Soares. Pall mall Rio. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1992. p. 225-234.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. O Flanêur. *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar.* São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BILAC, Olavo. *Vossa insolência: crônicas.* Antonio Dimas (ed). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BORGES, Jorge Luis. *Fervor de Buenos Aires (1923).* Buenos Aires: Siglo XXI, 1989.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 2013.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A revelação de um cronista. In: *Bilac, o Jornalista*. São Paulo: Edusp, 2006. p.13-15.

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana.* Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *200 crônicas escolhidas.* Rio de Janeiro: Record, 2001.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1992. p. 407-418

CAMPRA, Rosalba. *La selva em el damero. Espacio literário y espacio urbano em América Latina.* Pisa: Giardini Editori e Stampori in Pisa, 1989.

CANCLINI, Nestor García. *Imaginarios Urbanos.* Buenos Aires: Editora Universitaria de Buenos Aires, 1997.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Culturas híbradas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad.* México: Grijalbo, 1989.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1992. p.13-22.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Iniciação à Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade.* Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. “Rubem Braga”. In: *Presença da literatura brasileira III: modernismo.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 358-371.

CARPENTIER, Alejo. *La ciudad de las columnas.* La Habana: Letras Cubanas, 1982.

CASADO FERNÁNDEZ, Ana: El espacio urbano de La Habana como discurso: entre la historia y la memoria. *Ángulo Recto. Revista de estúdios sobre la ciudad como espacio plural,* vol. 3, núm 1. Pp. 63-71. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/angulo/volumen/volumen03-1/articulos04.htm> ISSN: 1989-4015

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra.* São Paulo: Escrituras, 2002.

CHIAMPI, Irlemar. Tropos en el tópico; Lezama Lima y la crónica de sus días habaneros. In: *Casa de las Américas*. La Habana, n.200, julio-septiembre, 1995, pp. 109-113.

COELHO, Eduardo. As cabriolas de Carlos Drummond de Andrade. In: *De notícias e não notícias faz-se a crônica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.261-269.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*: r*elação e perspectivas, conclusão*. São Paulo: Global, 1999.

DE CERTEAU, Michel. *La invención de lo cotidiano. Artes del hacer.* México: Universidad Iberoamericana, 1996.

DIMAS, Antônio. *Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo.* São Paulo: Revista Littera, 1974.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (Ed.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1992.

HEFFES, Gisela. *Las ciuidades imaginarias em la literatura latino-americana.* Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2008.

HOUAISS, Antônio. Contos e crônicas. In: *Fernando Sabino: obra reunida.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p.65-69.

JULIÁ, Rodrigues. *Nueva crónica de las islas* (prólogo). San Juan de Puerto Rico: Instituto de Cultura Puertorriqueña, 2002.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo.* São Paulo: Duas cidades; 34, 2000.

LEZANA LIMA, José. *Sucesiva o las coordenadas habaneras.* In: *Obras Completas. Tratados em la Habana.* La Habana: Letras Cubanas, 2009.

LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. *Caderno B do Jornal do Brasil: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-1985)*. 2006. 267 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=107313>>.

LISPECTOR, Clarice; NUNES, Aparecida Maria (org). *Clarice na cabeceira: jornalismo.* Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1992. p. 165-188.

MATOS, Marco Aurélio. Fernando Sabino: o verbo como aventura. In: *Fernando Sabino: obra reunida.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p.32-40.

MELO, José Marques De. *A opinião no jornalismo brasileiro.* Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *História do jornalismo*. São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.* Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa****.*** São Paulo: Cultrix, 1982.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1992. p. 75-92.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa.* São Paulo: Ática, 1995.

PORTA, Paula (org*). História da cidade de São Paulo, v.3: A Cidade na primeira metade do Século XX (1890-1954)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PORTO, Antonio Rodrigues. *História urbana da cidade de São Paulo (1554-1988).* São Paulo: Carthago e Forte, 1992.

PRADO, Decio de Almeida. Tentativa de crônica sobre Rubem Braga. In: *Seres, coisas lugares: do teatro ao futebol.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.83-90.

QUEIROZ, Rachel de. *Cem crônicas escolhidas.* São Paulo, Círculo do Livro, [s.d].

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: *História da cidade de São Paulo, v.3: A cidade na primeira metade do Século XX (1890-1954)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RAMA, Ángel. *La ciudad letrada.* Vermont: Ediciones del Norte, 1984.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Transculturación narrativa en América Latina.* México: Siglo XXI editores, 1985.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la Modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX.* México: FCE, 1989.

RESENDE, Beatriz. Drummond, cronista do Rio. *Revista USP*, São Paulo: n.53, p.76-82, mai. 2002.

RIO, João do [Paulo Barreto]. *Cinematógrafo: crônicas cariocas.* Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/cinematografo\_-\_joao\_do\_rio\_-\_para\_internet.pdf>

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *O momento literário.* [S.I.],Fundação Biblioteca Nacional, [s.d.]. Disponível em:

 <http://objdigital.bn.br/Acervo\_Digital/livros\_eletronicos/momento\_literario.pdf>

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *A Alma encantadora das ruas.* Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

RODRIGUES, Joana de Fátima. *Literatura e jornalismo em García Márquez: uma leitura de crônicas.* 2005. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. doi:10.11606/D.8.2005.tde-08012008-102243.

ROJAS, Rafael. *El estante vacío. Literatura y política en Cuba.* Barcelona: Anagrama, 2009.

ROMERO, José Luís: *Latinoamérica, las ciuidades y las ideas.* México: Siglo XXI, 1986.

ROTKER, Susana. *La invención de la crónica*. México: FCE, Fondación para um Nuevo Periodismo Iberoamericano, 2005.

SÁ, Jorge de. *A crônica.* São Paulo: Ática, 1985.

SAES, Flávio. São Paulo republicana: vida econômica. In: *História da cidade de São Paulo, v.3: A cidade na primeira metade do Século XX (1890-1954)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 215-257.

SALAR BONDY, Sebastián. *Lima la horrible.* Concepción: Editorial Universitaria de Concepción, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes dos anos 20.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Armando. A Cidade na América Latina através de seus Símbolos. *Centro Brasileiro de Estudos da América Latina.* São Paulo: Memorial de América Latina, 1990.

SILVEIRA DE ALMEIDA, Adriana. *Solos geniosos, de épocas turbulentas: crônicas de Alcântara Machado para o Diario da Noite.* 2001. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000240114&fd=y>>

SIMON, Luiz Carlos*. Duas ou três páginas despretensiosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas.* Londrina: Eduel, 2011.

SOARES, Cláudio Luís de Oliveira. *Paulo Mendes Campos: crônicas de sol e domingo azul.* 2012. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-14032013-095245/pt-br.php>>.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematográfico de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TOTA, Antonio Pedro. Rádio e modernidade em São Paulo (1924-1954). In: *História da cidade de São Paulo, v.3: A cidade na primeira metade do Século XX (1890-1954)*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 487-515.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970).* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZAMORA, Armando Valdés. *La Habana en las crónicas de Jorge Mañach y José Lezama Lima*. América, 49. 2016. <http://journals.openedition.org/america/1684>

1. . Antonio Candido, no ensaio *A vida ao rés-do-chão* refere-se à crônica como um gênero “bem nosso”, sobretudo a partir dos anos 1930. (1992, p.17) [↑](#footnote-ref-1)
2. No mesmo ensaio, Candido narra essa metamorfose, explicando que o folhetim foi encurtando aos poucos e “ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, encurtou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje”. (Ibid., p.15) [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)
4. Além de Massaud Moisés, tomemos como exemplo as considerações de Afrânio Coutinho em *A literatura no Brasil*: r*elação e perspectivas* (1999) e de Beatriz Resende no artigo *Drummond, cronista do Rio* (2002). A autora afirma: "cariocas ou não – quase todos não –, é falando do Rio de Janeiro que os cronistas encontram sucesso. É como se fosse importante tornar-se carioca para ser um cronista de visibilidade nacional." [↑](#footnote-ref-4)
5. A informação é do livro *La invención de la crónica*, de Susana Rotker (2005). A autora discorre sobre o gênero crônica na América Hispânica. Seu foco está sobretudo nos poetas e cronistas José Martí e Ruben Dario. [↑](#footnote-ref-5)
6. José Luis Romero também se posiciona em relação à questão do nacionalismo na América Latina, fornecendo hipóteses para a pesquisa: “Uns mais do que os outros, todos os países latino-americanos haviam sofrido a ofensa do capital internacional, e a figura do “gringo” constituía um dos elementos da mitologia popular. O populismo voltou-se contra eles e exaltou o sentimento de pátria. Foi, às vezes, uma apelação retórica, mas em todo caso suscitou uma dupla resposta: reviveu o espontâneo e profundo sentimento de adesão dos nativos que amavam a sua tradição e despertou nos recém-chegados ou em seus filhos o desejo de manifestar polemicamente que eles também eram solidários com esse patrimônio que constituía a nacionalidade.”(2004, p.416) [↑](#footnote-ref-6)
7. No que diz respeito ao seu valor jornalístico, a crônica foi consolidada como gênero. Ela aparece nas obras de Luiz Beltrão, *Jornalismo Opinativo* (1980), e de José Marques de Melo, *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* (2003). [↑](#footnote-ref-7)
8. No campo literário, a relevância da crônica é frequentemente questionada. Antônio Dimas (1974), no ensaio *Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?*  identificou uma “má vontade” da crítica para com o gênero. Antonio Candido (1993), em *A vida ao rés-do-chão* também a classificou como um “gênero menor”. [↑](#footnote-ref-8)